

LITERATURA E ENSINO: O ENCONTRO DO MUNDO REAL E FICTÍCIO COMO CONSTRUÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

Vandilma Silva da Luz; Amanda de Morais Felix; Alexandre Furtado de Albuquerque Correa

Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte – vandilmagr@hotmail.com;

Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte – amandinhafelix-mf@hotmail.com;

Professor Doutor da Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte – alexandre.afac@gmail.com

Resumo: Ainda que seja uma grande arma para a formação de leitores e escritores críticos, a Literatura ainda vem sendo pouco aproveitada em sala de aula. Os professores de Língua Portuguesa, em sua maioria, optam ainda por trabalhar textos literários voltados para a análise estrutural e/ou características gramaticais diversas, deixando um pouco de lado o caráter reflexivo que o texto literário deve trazer. De fato, gêneros literários levam ao aluno uma facilidade maior em conseguir assimilar os conteúdos pragmáticos trabalhados em sala, todavia as escolas em sua grande parte continuam buscando um aluno que saiba apenas todas as regras gramaticais, esquecendo de prepará-lo enquanto leitor crítico. A leitura literária deve então ser tratada como instrumento eficaz no processo ensino aprendizagem. A Literatura trata não apenas de uma história fictícia, ela nos traz a identificação social através de descrição da realidade dentro de uma escrita inovadora. Através de obras literárias nos deparamos com questões sociais, ideológicas, religiosas e nos encontramos com nossas ideias mais íntimas e restritas. Contudo, professores de Língua Portuguesa, devem dar uma maior atenção à aplicabilidade de textos literários em sala de aula como suporte eficaz para uma melhor viabilidade no processo ensino-aprendizagem e na formação do leitor crítico e inovador.

Palavras-chave: Literatura, Ensino-Aprendizagem, Língua Portuguesa, Professor construtor, Leitor crítico.

Introdução

A formação profissional do professor vem sendo cobrada de maneira cada vez mais exigente, entretanto ainda tem sido um dos assuntos mais importantes no âmbito educacional, tendo em vista que quanto mais a educação caminha para proporcionar ao aluno maiores possibilidades para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, mais o professor deve estar preparado para essas inovações e evoluções.

Quando nos voltamos para a Literatura, percebemos que após a polêmica da permanência ou não desta disciplina no currículo dos Ensinos Fundamental e Médio, a relação entre o ensino literário e a formação do educador tem sido tratado com mais assiduidade e atenção. Em Roma e na Antiga Grécia, textos de poetas e teatrólogos como Virgílio e Ovídio, eram declamados ou lidos para que os ouvintes pudessem refletir sobre os conteúdos tratados e pudessem observar a beleza do mundo através da ótica proposta pelas facetas dos estilos literários, desta forma podemos pensar Literatura como o método mais antigo de ensinar, ainda que isto não fosse feito de maneira pedagógica como atualmente. Observando o percurso do ensino literário, não é por acaso o fato de a



Literatura ter passado a ser vista como um instrumento pedagógico, como um método educativo, pois no século XVI ela chega ao Brasil sendo mostrada pelos Jesuítas numa realidade distanciada, e utilizada como objeto que despertava e ao mesmo tempo impunha uma respeitabilidade pelas belas letras.

Diante do exposto, o presente trabalho problematiza perspectivas metodológicas acerca do ensino da Literatura e discute, superficialmente, o posicionamento atual do professor em relação ao seu papel no que diz respeito a levar o texto literário ao educando objetivando o despertar deste pela leitura e sua formação como aluno-leitor. Evidencia-se também, a utilização de textos literários em sala de aula como grande suporte na formação do leitor crítico e formador de opinião, bem como se observamos que a Literatura pode ser aproveitada de maneira mais reflexiva e regular em sala de aula, se melhor explorada com a finalidade de despertar no aluno o exercício do pensar. Nesse prisma, observa-se como estão as formas diacrônicas e sincrônicas em relação ao ensino literário e como se pode trabalhar as duas formas em função de uma melhor compreensão da realidade tanto do passado quanto da atualidade por parte do aluno. Embasados na busca desses objetivos, buscamos nos fundamentar em grandes estudiosos como Antônio Candido, Paulo Freire, Regina Zilbermam, Mariza Lajolo, entre outros. Lajolo (1997), bem como nas perspectivas dos outros teóricos citados, enfatiza que o livro do professor deve ser um diálogo entre o leitor/professor e o autor, através do qual os pressupostos teóricos utilizados pelo autor devem ser passados para o educador, uma vez que este é o intermediário entre o livro e o aluno.

Similarmente, percebemos a grande necessidade do contato do aluno com textos literários em sala de aula (contos, poemas, prosas, crônicas, entre outros), visando que este possa fazer sua própria interpretação e respectivas observações, seguidas da interação em sala, estimulada, dirigida e intermediada pelo professor. Tais ações, são de grande importância para que o aluno não se condicione a assimilar os conceitos sem se colocar em relação ao assunto tratado, como observa Zilbermam (1991).

Em contraponto, o conteúdo literário sempre foi e continua sendo visto apenas como conhecimento obrigatório nas escolas, o que torna o ensino de Literatura monótono e incontroverso, fato que tira do aluno a autonomia de sujeito da ação pensar, condicionando-o a apenas aceitar conceitos prontos, sendo ignorada sua perspectiva e voltada apenas ao professor a condição de impor pontos de vista. Esta ainda é uma das grandes barreiras que impossibilitam o aluno no que se diz respeito a utilizar a Literatura como objeto na construção de sua formação enquanto leitor crítico e idealizador.



LITERATURA E ENSINO

Em virtude de ser concebida como “Belas Artes”, a Literatura percorreu um grande caminho mantendo-se distante de seu público alvo nas escolas. O ensino literário era direcionado ao aluno como uma forma de elitização e não de despertar o interesse de discutir perspectivas sociais, culturais, históricas e ideológicas, como de fato deve ser mediado. Letícia Malard (1985) caracteriza esse ensino de forma distanciada como barreira marcante no que se diz respeito ao ensino de Literatura no Brasil, mesmo que esta disciplina tenha sido incluída nos currículos escolares desde 1889.

Ainda segundo Malard, o ensino literário buscava através de estudos biográficos, estudar isoladamente o estilo de autores renomados, fazendo com que a leitura crítica de suas respectivas obras fosse deixada de lado, outro ponto que tornava este ensino a cada vez menos interessante em sala de aula. Em 1960, essa realidade de ensino passa por uma reforma, entretanto a condição de periodização literária começa a aparecer e continua criando um obstáculo entre a literatura e o olhar crítico que deveria ser vivenciado pelo aluno, pois a partir de então as características predominantes em textos de determinada época voltam-se apenas para este momento, separando-os por escolas e/ou movimentos literários e isolando-os do contexto de outras épocas. Neste viés, podemos considerar que determinadas características são passadas de forma “enquadrada” para o aluno, como o exemplo da religiosidade barroca e do sentimentalismo romântico, que são reduzidos em sala apenas a estas condições, como se não pudessem ser explorados sob outras perspectivas.

Para pensar numa melhor intermediação do ensino literário, se faz necessário desconstruir o dogma que faz com que o aluno veja a Literatura como algo que traz uma realidade pronta de determinado momento da história. Para tal, o texto literário deve passar a ser visto como plano simbólico que possibilita a compreensão de aspectos construtores de nossa identidade histórica e social, pois a história e a literatura devem estar visceralmente ligadas a partir de uma relação crítica entre e inovadora sem que uma sobrepuje a outra:

O abismo entre literatura e história, entre o conhecimento estético e histórico, faz-se superável quando a história da literatura não se limita simplesmente a, mais uma vez, descrever o processo da história geral conforme esse processo se delineia em suas obras, mas quando, no curso da “evolução literária”, ela revela aquela função verdadeiramente constitutiva da sociedade que coube à literatura,

concorrendo com as outras artes e forças sociais, na emancipação do homem de seus laços naturais, religiosos e sociais. (JAUSS, 1994, p. 57)

O melhor caminho para o ensino-aprendizagem da Literatura ainda é, segundo Malard (1985), as releituras literárias, que se resumem a leitura de textos literários e crítica sobre estes textos, sabendo-se que nenhuma outra prática tais como resumos, resenhas, entre outras, pode substituir a prática da leitura original. A prática de ler o texto literário deve ser apresentada ao aluno de modo a fazê-lo perceber as relações e diferenças entre estes textos, e despertar nele o olhar de leitor construtor de novas perspectivas a partir de cada texto lido. Esta ação só se torna possível através do poder imaginário, combinado aos demais fatores textuais que são refletidos na interpretação crítica do leitor.

A percepção e recepção do conteúdo durante a leitura aprofunda a relação entre o leitor e o texto. O ato de ler exige que o leitor preencha o que não foi preenchido no texto segundo seu olhar durante a leitura, projetando suas expectativas e a si mesmo dentro do que está sendo lido. O valor estético do texto está, segundo Jauss (1994), na sua possibilidade de relações entre aquilo que não é notório e quem busca fazê-lo ser notado. Segundo o crítico, quanto mais distância entre o já conhecido e o indeterminado no texto, exigido a ser destrinchado através do olhar crítico do leitor sobre as entrelinhas, maior será o caráter artístico desta obra.

Seguindo esta linha de pensamento, sabemos que é papel do professor despertar este interesse no aluno, caracterizando a leitura de obras literárias como ferramenta de construção de conhecimento de mundo e de identidade do próprio mundo de quem a pratica.

Paulo Freire diz:

Refiro-me a que a leitura de mundo se trata de leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas que por certa forma de ‘descrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, 1984 a, p.22).

Não podemos evidenciar o indivíduo que não lê textos literários sob sua real perspectiva, como um sujeito “ineficaz” ou até mesmo esperar que a Literatura resolva os problemas sociais, todavia se faz necessário que nós percebamos que o texto literário nos possibilita dialogar com o mundo e fazer a interpretação desse mundo à medida que o relacionamos com a realidade e refletimos sobre ela.



A LITERATURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

Antônio Cândido nos diz que:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CÂNDIDO, apud LIMA, p.11, 2014)

No entanto, a literatura é fundamental na vida do ser humano, e deve ser vista como uma necessidade universal e pelo seu poder humanizador, como nosso disse Cândido. E dessa forma ela contribui para a formação do ser crítico, podendo levar os alunos a questionamentos, estimulando seus conhecimentos, e ampliando sua forma de pensar, de ver e agir sobre o mundo e sobre si mesmo. Por isso, é como afirmar os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (2012, p.86) “A literatura é ingrediente fundamental em um currículo, por seu caráter transgressor e libertário, é experiência e conhecimento essenciais à formação de crianças e jovens.”. E como tal, não pode ser trabalhada erroneamente em sala de aula, levando os alunos a não vivenciar esse caráter transgressor e libertário que o contato efetivo com os textos literários pode proporcionar.

Cosson (2006) nos mostra vários problemas recorrentes enfrentados nas aulas de literatura, dentre eles o próprio livro didático que ainda traz muita falha quanto ao material selecionado e o fato dos professores estarem muito presos a esse material, os quais, muitas vezes trazem apenas fragmentos dos textos. Outro problema frequente nas aulas de literatura é a dedicação, quase exclusiva, em trabalhar as informações acerca da história da literatura, e da vida do autor ou até mesmo trabalhar o texto literário com o foco, unicamente, no caráter pedagógico; trabalhando a partir dele as questões gramaticais, esquecendo assim, de trabalhar sua natureza ficcional, com isso, gera-se um grande erro, pois esquece qual significativo essa leitura pode ser para a vida do educando, podendo fazer com que através dela o aluno interaja com a sua cultura, assim como também, conheça outras culturas e se posicione acerca do mundo que o cerca.

Com isso, é considerada tarefa do professor trazer atividades que modifiquem esse contexto, fazendo com que a leitura literária tome um lugar significativo na vida dos alunos, despertando sua sensibilidade, não apenas dentro do contexto escolar, mas levando para as suas necessidades fora da escola, ou seja, nas suas relações sociais.

Para que a literatura cumpra seu papel enquanto aprimoramento do aluno como pessoas humana, contribuindo para a formação étnica, desenvolvendo a autonomia intelectual e o pensamento crítico, tal como aborda a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, é necessário que o ensino da mesma não esteja fixada simplesmente em informações sobre estilos e escolas literários, pelo contrário, deve priorizado no ambiente escolar a formação do leitor literário, e propiciar aos estudantes o contato direto com o texto e com as várias formas de expressão literária.

Diante de todos esses problemas que afetam as aulas de literatura, faz-se necessário que os professores redefinam-se e busquem melhores metodologias para o ensino dessa disciplina, alterando esse afastamento das obras literárias que, infelizmente, existem nessas aulas. Pois, acredita-se que uma abordagem adequada da literatura conduziria eficazmente às práticas de leitura presentes no contexto social.

No entanto, para alcançar uma escolarização adequada da literatura, é necessário fazer uma adequação dos textos que serão trabalhados em sala, para que dessa forma seja evitado uma seleção de textos que estejam longe demais da realidade dos alunos. Além disso, é importante, também, levá-los a ter um contato com os diversos gêneros literários sobre temáticas variadas e de diferentes épocas, a fim de que a partir desse contato o aluno possa compreender a literatura enquanto fenômeno cultural, histórico e social. Uma proposta metodológica muito plausível para o trabalho com a literatura é o da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss, a qual coloca em questão um trabalho a partir do horizonte de expectativa, considerando no ato da leitura as experiências vividas pelos alunos, permitindo que eles dialoguem com o texto lido a partir dos seus conhecimentos prévios.

No entanto, os professores precisam buscar utilizar em sala de aula práticas de ensino de literatura que levem os alunos a perceber a importância da mesma para sua formação, tornando-se, dessa forma, leitores críticos, e assim, efetivar o letramento literário.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa com base em uma revisão bibliográfica. Para tal, utilizamos dos postulados teóricos organizados LAJOSO (1997), a qual nos traz um novo olhar sobre o ensino da literatura e os motivos pelos quais estamos vivendo em um momento de falência da mesma. Utilizamos também ZILBERMAN (1989) com seu olhar sobre teoria da estética da recepção, observada através de uma proposta metodológica para o ensino de literatura a qual permite que o aluno dialogue com o texto lido e construa o sentido dele a partir de seus

conhecimentos prévios. Apropriamo-nos dos estudos acerca de letramento literário organizado por COSSON (2011); assim como também MALARD (1985) que nos traz uma abordagem histórica sobre a disciplina de literatura e todas as modificações sofridas por ela. Voltamos-nos também para os estudos de FREIRE (1984); CANDIDO (2014) e JAUSS (1994) que contribuíram para a construção desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto é possível observar que a literatura ainda é um caso que deve ser discutido em relação ao processo ensino-aprendizagem. Podemos vincular este “descaso” à carência de leitura, a qual configura a falta de perspectiva crítica do aluno sobre os textos trabalhados em sala, principalmente os de caráter literário. Submetidos a esta real condição, cabe ao professor de literatura a função de mediar ao aluno à compreensão da importância desta para a formação do indivíduo conhecedor, crítico e idealizador através da exploração do texto literário enquanto ferramenta construtora no processo de conhecimento de mundo e do indivíduo leitor-investigador. Logo, deve-se considerar também, que é um desafio contínuo para o professor a missão do ensino eficaz da literatura, pois o contraponto que é a recepção muitas vezes ignorada da literatura pelos alunos, torna ainda mais árdua à tarefa de fazer com que o educando aceite o ensino literário como algo relevante e agradável para sua condição individual e social.

É válido salientar que ainda existe o comodismo, por parte do professor, no que se diz respeito à utilização do livro didático, o qual muitas vezes é utilizado como única ferramenta de ensino e que, com esta condição, acaba limitando o trabalho do educador que deve ir muito além desta insuficiente metodologia. Mesmo perante esta realidade, consideramos as exceções, pois mesmo submetidos às difíceis condições profissionais da sala de aula em nosso país, especialmente nos ensinos Fundamental e Médio, existem professores comprometidos com a construção do aluno leitor, investigador, crítico e idealizador. Para tal sucesso, o professor precisa estar ciente do que afirma Regina Zilberman (1991, p.94), sobre a utilização do livro didático: “de uma maneira ou de outra, eles se encarregam de orientar a ação do docente em sala de aula”. Logo, é evidente que a leitura deste torna-se, assim, uma obrigação que deve ser exercida sempre com um olhar questionador e inovador.



No que se diz respeito às aulas de literatura, existem alguns contrapontos que atuam como barreira para a eficácia deste ensino, mas podemos destacar alguns deles: a grade curricular resumida, a divisão de tempo que o professor muitas vezes faz para suprir suas necessidades e, a forma como é trabalhada as práticas de leitura em sala de aula, pois a literatura tem sido considerada, muitas vezes, um simples pretexto para o ensino da língua ou da escrita de diferentes gêneros textuais. Logo o aluno tem sido isento do seu direito de encontrar na literatura o poder de se deparar com um mundo real descrito num mundo de imaginação, pois bem sabemos que o poder de “fazer literatura”, no que se diz respeito a colocar dentro da obra o mais imaginário que seja do autor, parte da realidade que ele vive. E esta realidade interage com o leitor, pois a leitura de uma obra literária deve despertar em quem a lê a identificação de si próprio e a reflexão sobre o contexto social e cultural em que se vive. Com isso, é importante repensar a prática de leitura de textos literários na escola, buscando sempre privilegiar aquela que possibilite o letramento crítico.

A superlotação das salas de aula muitas vezes pode impossibilitar a aproximação entre o professor e cada aluno, não permitindo que haja uma relação que permita que o docente conheça as dificuldades e o nível de conhecimento de cada um, este fator pode ser considerado como mais uma atribuição ao condicionamento do professor apenas ao livro didático e, se não isto, esta superlotação pode resultar, mesmo nas aulas de um professor inovador, na compreensão e assimilação de apenas uma parte do grande grupo, uma vez que, torna-se quase impossível para o educador, aproximar-se do aluno de forma individual estando em uma sala que apresente esta condição, mesmo que este seja o seu papel, pois é conhecendo o seu aluno, que o professor pode alcançar sucesso em suas aulas. Quando o educador conhece o seu educando suas metodologias são elaboradas de maneira infalível, pois consegue atender suas próprias necessidades e a necessidade do alunado.

Podemos inferir que mesmo que haja obstáculos velhos e novos e caminhos longos a serem percorridos, há muitas alternativas e teorias importantes e relevantes para o ensino da literatura. Além das dificuldades oferecidas pelo estudante e pelo próprio sistema educacional, há também questões historicamente enraizadas na formação do professor que se aliam as duas últimas citadas e acabam por dificultar a compreensão do aluno sobre o que de fato é e qual o papel da literatura. Entretanto, existem grandes ações já apresentadas neste trabalho que possibilitam a mudança desta realidade e, acreditamos que se seguidas, estaremos trilhando um bom caminho para o alcance do ensino literário como grande proporcionador da formação do indivíduo livre e capaz de pensar e reproduzir seu pensamento em voz alta.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: Ministério da educação; 1996.

BRASIL. **Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco – Língua Portuguesa**. Pernambuco: Ministério da Educação; 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, Paulo. **Sobre educação (Diálogos)**. Vol. 2, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LAJOLO, Marisa. **Descobrimos a Literatura**. São Paulo: Ática, 1997.

LIMA, Aldo de (org.) **Direito à Literatura**. 2ªed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2014.

MALARD, Leticia. **Ensino e literatura no 2º grau: problemas & perspectivas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história literária**. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1991.